



## DUAS EM UMA

*Como Lhola Amira, a artista e curadora sul-africana Khanyisile Mbongwa explora a presença do corpo negro na 33ª Bienal de São Paulo por Carolina Lauriano*

“Eu não sou uma artista *performer*, e o que faço não é performance.” Essas foram as primeiras definições sobre si e o trabalho que a artista sul-africana Lhola Amira apresenta na 33ª Bienal de São Paulo - *Afinidades afetivas*, dentro da exposição coletiva *Sempre, Nunca*, que tem curadoria assinada pela artista Wura-Natasha Ogunji.

Lhola divide o mesmo corpo da curadora Khanyisile Mbongwa, e tampouco pode ser definida como uma *persona* de si mesma. “Não é uma existência dual. Não é uma *persona* que visto. Sou uma presença. Sim, compartilho uma existência plural com a curadora Khanyisile Mbongwa”, pontua a artista.

Por entender a complexidade inicial de seu trabalho, a artista segue à risca essa introdução em suas falas e entrevistas. Mas como saber distinguir uma presença da outra? “Pelo traje que estamos usando. Amira sempre estará muito bem vestida.” E, realmente, Amira é uma mulher que não passa despercebida no ambiente. Vestindo impecavelmente um macacão *vintage* dos anos 1980, turbante laranja, batom vermelho e salto alto, é assim que se apresenta durante entrevista com **Bazaar Art**.

Ao se posicionar dessa forma, Amira questiona sobre como o corpo negro – no seu caso, especificamente, o da mulher negra – é percebido na sociedade. “De forma invisível ou hiper-



Acima e na pág. ao lado, performance realizada na abertura da mostra *SINKING: Xa Sinqamla Unxubo*, em fevereiro, na Smac Gallery, Cape Town





visível”, como diz. “O corpo negro está em plena performance o tempo todo na sociedade, tendo de desempenhar sempre sua negritude.” Nesse sentido, Amira retoma o livro do caribenhista Frantz Fanon, *Pele Negra, Máscara Branca*, quando o filósofo e ensaísta diz: “Eu sou o escravo não da ideia que os outros têm de mim, mas da minha própria aparência”.

Ao colocar seu “corpo como presença”, a artista também aborda em fotografias, vídeos, instalações, e mesmo durante aparições fugazes, temas como ancestralidade, violência contra o povo negro e descolonização. Essa existência plural, presente em seu trabalho, expressa – de alguma forma – a própria sobrevivência dos negros durante o período colonial e, contemporaneamente, sobre todas as formas possíveis de desigualdade social sofrida pelo povo negro. O apelo visual invocado por Lhola Amira em seu trabalho diz respeito a um corpo imbuído de poder. Poder de ser, sentir, es-

tar, agir, sonhar, subverter, rir, desejar e tudo mais que couber dentro desse termo, seja ele subjetivo ou não.

Sobre o trabalho que apresenta na 33ª Bienal de São Paulo, ela prefere manter certo mistério. Ao ser perguntada se estabelecerá alguma relação entre África e Brasil, escravidão e a presença do corpo negro no País, diz não ter essa intenção por se tratar de assuntos e percepções diferentes. “Meu trabalho é sobre a história africana. Quanto ao Brasil, é preciso pensar que, para além da escravidão, há um outro assunto a se resolver, sobre o real povo brasileiro: os indígenas.”

Lhola Amira não entrega um trabalho fácil. Ela lida diretamente com o outro e, deste embate, nos faz deparar com atitudes que nem sempre são reconhecidas como privilégio. Ao mexer com essa presença, a artista mergulha no passado para recriar novas possibilidades de futuro. ■



Fotografias das séries *Ungxengxezo* (2018) e *iYuhluma* (2018). Na pág. ao lado, fotografia da série *iYuhluma* (2018)

